



Em  Sociedade

AS SENSIBILIDADES DO PORTAL INUMERÁVEIS: práticas de alteridade e registros de memórias

*Robéria Nádia Araújo Nascimento*¹
*Valtyennya Campos Pires*²

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Associada do Departamento de Jornalismo (UEPB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB) | madia@terra.com.br

² Mestranda em Ciências Sociais (UFCG) | valtycampos@gmail.com

Resumo

Este texto propõe uma reflexão sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 2013) nas dimensões subjetivas de alteridade (HABERMAS, 2002) que subjazem à gramática de emoções (GREIMAS, 2002) das relações humanas. Busca materializar esse cruzamento teórico através da análise do portal inumeraveis.com.br, que homenageia as vítimas da Covid-19 no Brasil com o registro de histórias de vidas que atribuem identidades às dolorosas estatísticas. A observação da plataforma através do método da Netnografia nos emerge como pretexto para a percepção de um campo discursivo de interação para consumo simbólico, conexão empática de novas sociabilidades e reafirmação de sensibilidades contra a banalização da morte.

Palavras-chave: Memória Coletiva. Portal Inumeráveis. Gramática de emoções. Alteridade

Abstract

This text proposes a reflection on collective memory (HALBWACHS, 2013) in the subjective dimensions of otherness (HABERMAS, 2002) that underlie the grammar of emotions (GREIMAS, 2002) of human relationships. It seeks to materialize this theoretical intersection through the analysis of the inumeraveis.com.br portal, which honors the victims of Covid-19 in Brazil with the recording of life stories that attribute identities to the painful statistics. Observation of the platform through the Netnography method emerges as a pretext for the perception of a discursive field of interaction for symbolic consumption, an empathic connection of new sociability and reaffirmation of sensibilities against the trivialization of death.

Keywords: Collective Memory. Innumerable Portal. Grammar of emotions. Alterity

1. INTRODUÇÃO

Todos os seres vivos fazem parte da grande teia da vida, da qual não somos donos, mas apenas um de seus fios.... Um fio que se constrói no invisível. Temos um passado, uma história que precisa ser lembrada, continuada, costurada ...(Daniel Munduruku)

Tais palavras indicam os elos e as relações da vida transversalizando a importância da memória social e da sua preservação afetiva. Elas abrem este texto a fim de instigar uma lógica da sensível na tematização da morte para a valorização da vida, chamando atenção para o portal Inumeráveis, que presta homenagem às vítimas da Covid-19 no país.

Sem recorrer a eufemismos sobre o luto ou circunscrever campos do conhecimento que lhes sejam concernentes, propomos aqui o diálogo com as ideias de alguns pensadores que nos permitem criar pontes de reflexão sobre a circulação de sentidos que se ocultam nas perdas humanas. Alinhando-se a nossa intenção, o autor da epígrafe nos diz que, na existência terrestre, cada ser humano é um signo de movimento. Nos entremeios da vida, é preciso conhecer, escutar e recontar as histórias do devir humano, porque nenhuma delas é insignificante, cada narrativa tem o seu valor e merece reverências: “quando a gente se percebe continuador de uma história, nossa responsabilidade cresce e o respeito pela história do outro também, renovando o sentido de família, de pertencimento a um grupo, a um povo, a uma nação” (MUNDURUKU, 2009, p. 18).

Desse modo, nosso propósito é instigar o olhar sobre o outro, pensar a alteridade dos nossos semelhantes, tomando como ponto de partida e observação as vidas que têm sido interrompidas no Brasil durante a pandemia. Para enveredar nesse debate, problematizamos a constituição da memória coletiva a partir dos fragmentos das experiências vividas que forjam o memorial virtual em suas articulações de subjetividades. Sabemos que o contexto da pandemia evoca dores e silêncios que são próprios do ciclo vital, mas, que, segundo Almeida (2012), tendem a ser ativados em tempos de angústias sobre a fragilidade humana nos provocando estados de estranhamento e perplexidade contra a indiferença.

A autora sublinha que dos estados de sofrimento, impotência ou desencanto é que sobressai a complementariedade entre a consciência objetiva e a consciência subjetiva que nos torna humanos. Tal condição abre espaço para a alteridade e não nos deixa indiferentes ou insensíveis às dores do mundo e dos semelhantes, numa “alquimia mental capaz de transformar

as pulsões de morte em pulsões de vida; as situações traumáticas em ferramentas de recomeço” (ALMEIDA, 2012, p. 18).

A metáfora dos “Inumeráveis”, que dá nome ao portal, parece se alinhar a esse intuito, pressupondo uma tentativa de linguagem emocional para humanizar as frias estatísticas de quantificação das vítimas do novo coronavírus, trocando-as por histórias com identidades. Busca realizar uma estratégia de abraço e de acolhimento (ainda que virtual) aos familiares e amigos, das pessoas que partiram, e que, até então, tinham sido tratadas, indiferentemente, como meros “números” nas narrativas de muitas plataformas midiáticas. Quando acessamos o portal Inumeráveis somos convocados para o exercício da alteridade (HABERMAS, 2002) no reconhecimento do outro e na percepção das sensibilidades que marcaram as suas trajetórias. O outro que, no viés habermasiano, constitui uma extensão de nós mesmos como portador de dramas individuais, mas igualmente construtor dos sentidos de coletividade e de irmandade, tão necessários nesses tempos difíceis.

Assim, nossa tentativa é demonstrar que o portal pode se converter num espaço privilegiado e polissêmico, *locus* mediador de relações simbólicas e inscrição cultural, reconectando os laços que as vítimas tinham com a sociedade e transformando suas ausências da vida em justificativas poéticas de saudades. Pois, como evidencia Mia Couto, “o que existe na morte é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. É também o poente onde se vislumbra o último sol. É uma viagem sem viajante que nos dá destino” (COUTO, 2003, p. 16-19).

Talvez intuindo esse pensamento, a ambiência virtual dos Inumeráveis ensaia uma espécie de reconstituição de lembranças e testemunhos pelas vozes dos que ficaram. Lá, são notabilizados os contornos de um comprometimento solidário com os sonhos e expectativas dos indivíduos em suas trajetórias singulares. Em que acreditavam? Quais eram suas referências? Por qual time torciam? Quem levavam no coração? Que dias lhes foram importantes? Que vestígios de suas existências são evocados? A virtualidade vai, aos poucos, rompendo o anonimato e tentando responder a essas perguntas, ainda que de modo breve, mas relevante para promover o registro das existências.

De modo a favorecer a compreensão do portal, na percepção das significativas perdas provocadas pelo novo coronavírus, a presente incursão teórico-conceitual se expande através das categorias afetividade, memória e alteridade (HABERMAS, 2002) para ressaltar a estrutura

da plataforma e embasar os pressupostos de uma análise netnográfica aqui apresentada sob capturas de telas.

2. AS SUBJETIVIDADES DO PORTAL INUMERÁVEIS: NO LIMIAR DO AFETO E DAS LEMBRANÇAS

O Inumeráveis nos induz a questionar a cultura de individualismos e aparências, inerente às redes sociais, nas quais muitos integrantes produzem simulações de interação. A esse respeito, Bauman (2011) assinala que as tecnologias assumem, no século XXI, um papel fundamental na construção da liquidez das relações interpessoais em seus aspectos efêmeros e deslizantes. O autor busca entender de que maneira as pessoas fragilizam os laços no espaço físico da sociedade, à proporção que investem em pseudos afetos no universo online. Dessa forma, parece irônico que um portal virtual desenhe um caminho contrário, criando uma ferramenta aberta à sensibilidade para a projeção/identificação humana no que se reporta à circunstância da morte e à reflexão da vida.

Já Deleuze e Guattari (1997) postulam que as subjetividades de respostas às dinâmicas de sofrimento social ocorrem, justamente, na construção da heterogeneidade que permeia as circunstâncias, evitando que sejamos conduzidos à cegueira de uma racionalização que embrutece os nossos espíritos. Na visão metafórica proposta pelos autores, não adianta somente “enumerar os pássaros”. O conceito da ave não pode ser “contado”; não está em seu gênero ou sua espécie, mas na composição de suas posturas, na beleza de suas cores, na mística de seus cantos. O canto do pássaro e a própria cor de suas penas forjam uma totalidade exemplificando os agenciamentos de sentidos e as apropriações importantes para a compreensão de suas existências e particularidades. São, nesse raciocínio, elementos que demarcam as territorialidades das espécies e as tornam “únicas”. Tal analogia também é válida para as pessoas: cada uma tem expressividades que merecem ser notabilizadas porque essas as distinguem no espaço social.

Quando se pensa no novo coronavírus, parafraseando a filósofa Hannah Arendt, tenta-se, na verdade, observar as implicações de um “mal invisível” (ARENDR, 1999), mas que deixa rastros de destruição familiares semelhantes ao caos de uma guerra. A autora elucida que, até o século XVIII, a problemática do mal era vista sob a perspectiva teológica em suas vinculações com a religiosidade. Contudo, a partir da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto Nazista, a

reflexão sobre a morte e o extermínio de pessoas se transforma em sinônimo de atrocidade cometida por humanos contra a própria espécie. Importa considerar que, até mesmo no contexto histórico do Holocausto, alguns grupos sociais ainda se mantinham indiferentes aos crimes de segregação quando esses não os afetavam diretamente.

No horizonte da pandemia, também percebemos reações de descaso e alheamento, como se não fosse uma tragédia humana compartilhada. Em face de atitudes como essa, os escritos de Arendt mantêm sua pertinência, porque além de discutirem atrocidades, também se debruçam sobre as origens da empatia, na intenção de “justificar” as motivações do desprezo pela vida humana, quando essa não é do mesmo grupo étnico-racial, de um familiar ou de um amigo fraterno. De todo modo, após a tragédia de Auschwitz, o “mal da morte” a assolou como algo “inexplicável e surreal”, assumindo o objetivo de “traduzir o sofrimento que dizimou não apenas o seu povo, mas que quis silenciar a sua história, a sua cultura, as suas tradições, como numa luta recorrente entre o bem e o mal num imaginário da ficção” (ARENDR, 1999, p. 37).

Retomando o cenário atual, vemos que a pandemia também não se enquadra a um desfecho de ficção. É um drama real que não satisfeito em isolar as pessoas, as destrói. Embora subestimada por alguns, que insistem em não reconhecer sua complexidade, a Covid-19 é uma ameaça silenciosa à humanidade, uma vez que não é consequência de questões ideológicas ou racistas. O vírus é obscuro, definido com imprecisão pelos cientistas como uma espécie de “mutação da natureza”, para a qual não há, ainda, vacinas, remédios nem métodos de prevenção.

Nas dinâmicas noticiosas do dia a dia, localizamos lamentos políticos ou de celebridades sobre os números das mortes, mas poucas manifestações de respeito às famílias que tentam sobreviver por trás dos números. Quais são as suas histórias, os seus pertencimentos, as suas subjetividades? Como se tornaram personagens noticiosos? Quem são os pais, mães, filhos, avós, esposos, netos, sobrinhos ou amigos que se foram? Quem nos convida a olhar para eles? Tornar pública a taxa de mortalidade não parece ser o suficiente, porque números chocam, mas não produzem solidariedade. Por isso, Sodré (2006) pondera que a relação com as mídias também carece de uma relação sensorial e subjetiva, uma vez que a urgência do tempo pede “uma consciência dessa sensibilidade para que essa se transforme num saber que transpareça de modo imediato na superfície sensível das condutas” (SODRÉ, 2006, p. 16).

Concordamos com Mariotti (2008), que, com muita propriedade, sublinha a atitude necessária de se “saber ver” enquanto humanidade; de se aprender, cotidianamente, a se importar com o outro. A fim de ilustrar seu argumento, conta-nos que, entre certas tribos da

África do Sul, um costume rege o principal cumprimento no encontro cotidiano entre as pessoas: a expressão *Sawu Bona*, que significa “eu vejo você”. As que são saudadas, respondem alegremente dizendo *Sikhona*, com o sentido de “eu estou aqui”.

As tribos partilham a ética *ubuntu*, derivada da ancestralidade zulu, cuja tradição *Umuntu ngumuntu nagabantu* revela o seguinte pressuposto: “uma pessoa se torna uma pessoa por causa das outras”. Nesse código de sociedade, começamos a existir quando o outro nos vê e se importa conosco. Se as pessoas não são vistas, têm as suas existências negadas. “Saber ver” é olhar para o outro, com os olhos do outro, sentir o mundo do semelhante como um mundo igual ao seu, o que mostra o papel da alteridade nos processos civilizatórios.

Gravitando em torno da sabedoria de Humberto Maturana³, Almeida (2012) ressalta os agenciamentos do amor na sociedade, assinalando que em situações de crise ou circunstâncias extremas, o sentimento da falta, a sensação de abandono, a surpresa da perda e a emergência da memória convergem para sinalizar o lugar e o significado inexorável da morte nas nossas vidas e o paradoxo da condição humana: nascer e morrer. Entretanto, mesmo nas situações dramáticas, permeadas por desesperos, as pessoas também desenvolvem a compaixão, que é uma apreensão intuitiva do bem e do que é certo fazer para continuar resistindo. Desse modo, atingem um nível básico de humanidade que as iguala, “onde a solidariedade está presente e nem sequer é preciso recomendá-la; ela aparece sozinha. Porque o amor nos pertence como característica biológica que constitui o humano” (MATURANA, apud ALMEIDA, 2012, p. 137).

Somos, na historicidade social, influenciados pelos sentimentos e pelas emoções, vetores que caracterizam a humanidade em sua capacidade de resiliência. A palavra em questão deriva do latim *resilio*, que se reporta a saltar para trás, reduzir-se e afastar-se. Segundo Tavares (2001), o sentido etimológico de resiliência se refere a “ser elástico”, numa comparação a algo que retorna à posição original após as deformações sofridas. Do ponto de vista da psicologia, resiliar é a ação de se recuperar ou dar a volta por cima depois de um forte trauma. Em síntese, é enfrentar as provações da vida, ou seja, primeiramente resistir a elas e depois conseguir

³ Um dos propositores do pensamento sistêmico, o cientista e neurobiólogo chileno criou a teoria da *autopoiese* e da biologia do conhecer em parceria com Francisco Varela (filósofo do campo das ciências cognitivas). Transita entre a teoria da complexidade e a biologia das emoções para sugerir a reorganização da concepção de sociedade em diálogo com as ciências da natureza. A *autopoiese* explica nossa experiência com os outros na linguagem, numa reflexão sobre as relações humanas em geral e, em particular, sobre a cognição dos indivíduos. Para aprofundamento, ver a obra *A árvore do conhecimento*, de Humberto Maturana e Francisco Varela.

superá-las para viver o melhor possível. Uma pessoa resiliente é capaz de sobreviver, apesar e por causa das dificuldades, numa expertise inerente à condição humana de recomeçar e refazer trajetórias.

3.A AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: PONTES PARA A CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE

Nos termos de Sodré (2006) a força primordial do sensível opera na constituição das sociabilidades através das múltiplas expressões subjetivas que envolvem o valor-afeto. Esse conceito, que é componente da vida social, está presente na emoção de todos os dias, equivalendo a uma energia psíquica próxima ao estado empático da paixão: “É a emoção que dá unidade aos fenômenos sensíveis, caracterizando-os de forma diferente em cada ser na dimensão subjetiva da sensibilidade e das sensações cotidianas” (SODRÉ, 2006, p. 29).

Mas convém dizer que a diversidade dos modos de sentir e a singularidade das situações vivenciadas na sociedade fazem do elemento sensível “uma espécie de terreno brumoso para a consciência do sujeito autorreflexivo, porque o lançam numa imediatez múltipla e fragmentada” (SODRÉ, 2006, p. 11). Travestidas pela roupagem da interação, as mídias e seus dispositivos de enunciação produzem uma oposição entre “o *logos* e o *pathos*, razão e emoção, numa dicotomia na qual a dimensão sensível é isolada para dar lugar a uma lógica calculante e à total dependência do conhecimento frente ao capital” (SODRÉ, 2006, p. 12).

Nessa inteligibilidade, dados brutos prevalecem sobre as posições discursivas, desconsiderando os poderosos dispositivos do afeto e das sensibilidades, como se esses impedissem uma padronização semântica coerente, passando-se, então, a perseguir uma medida racional para as narrativas. É o que vemos nas informações estatísticas das mortes da Covid-19, nas quais os números são enfatizados para conferir legitimidade às informações e estabelecer uma mera disseminação de conteúdos em nome de “emoções controladas”.

Entretanto, é preciso reconhecer que, na lógica do sensível, a razão e o afeto caminham juntos forjando uma inteligência que explica a emoção humana para além dos condicionamentos narrativos. Por exemplo, a dimensão da corporeidade ocorre não somente no sentido semântico de estar presente numa situação, uma vez que a empatia se forja numa conexão entre espírito e corpo que se dá numa proximidade de almas, e não necessariamente na proximidade física com a situação.

Nesse raciocínio, nossas experiências e interlocuções sociais são sempre ressignificadas pelo viés sensorial, por uma imersão emotiva que nos conecta às práticas culturais. Por isso, Guattari e Rolnik (2010) reforçam que a imersão emotiva produz intercâmbios de sentidos que instigam a construção da alteridade. Isso implica pensar em nós mesmos (e nos outros) no limiar das pulsões e das sociabilidades coletivas pelo amálgama do reconhecimento.

Para Almeida (2003), as porções afetivas da existência é que minimizam as angústias cotidianas impedindo que a solidão humana se torne absoluta. São os afetos que nos fazem suportar o mal-estar da civilização, que nos fazem olhar o que todo mundo olhou, mas que somente nós vimos. Os afetos nos fazem dizer o que todos já disseram, porém com palavras que só nossos corações ouvem. São essas pequenas brechas que dão vida as nossas subjetividades, pois “afinal é do improvável e do infinitamente pequeno que emergem o novo e o infinitamente grande” (ALMEIDA, 2003, p. 50).

Tomando como premissa a filosofia de Humberto Maturana, Andrade (2003) ainda nos alerta que os sistemas sociais são sistemas de convivência constituídos sob a emoção do amor e essa emoção constitui o espaço de ações de aceitação do outro na convivência. E lembra que só recentemente é que se reconheceu que as emoções são processos biológicos importantes na espécie humana: é o amor que consolida o comportamento de compartilhar permitindo ligações pessoais duradouras: “O amor viabiliza a convivência. A linguagem que o gera, a comunicação que o sustenta não está em nós, mas fora de nós, em nossas relações afetivas com o outro” (ANDRADE, 2003, p. 21).

Argumenta Maturana que a racionalidade sensível dos afetos ainda é vista com desconfiança, porém é o mesmo cérebro humano, a partir dos mecanismos neuronais, que sustentam a relação entre razão e emoções. As aptidões ao acolhimento e à afetividade permitem a interação e a história social a partir do estabelecimento dos vínculos que, se não transformam o mundo, certamente auxiliam na sua sustentação, corroborando o papel do homem como um ser de vínculos e de relações.

A partir desse universo, é possível identificar uma gramática de emoções (GREIMAS, 2002) que rege as dinâmicas de convívio, os laços de identificação e os agenciamentos de sentidos delas decorrentes, todos influenciados por subjetivações múltiplas. Na concepção greimasiana, os agenciamentos pressupõem alfabetos imateriais descentrados que aglutinam a natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal, relativas aos sistemas de percepção, de

sensibilidade e de afetos humanos que se dão a conhecer por intermédio das relações interpessoais.

Nesse escopo, as memórias e as ações de valor social se mesclam às representações do mundo para assimilar códigos de interação e compartilhamento. Entre essas representações, Greimas distingue o discurso apaixonado do “discurso da paixão”. A diferença indica uma dupla manifestação dos sentimentos na linguagem da comunicação humana: na enunciação e no enunciado. Naquela, é possível localizar um viés patêmico⁴; neste, os afetos podem ser incluídos. Daí depreende-se que os efeitos de sentido “passionais” são construções de linguagem, derivando de arranjos provisórios, de intersecções e de combinações articuladas pelos sujeitos na vida social.

Para clarificar seu pensamento, o autor explora a significação subjetiva do ser humano para propor a ideia de que a apreensão e a expressão do sentido emotivo se dão no plano da “imperfeição”, uma vez que as heterogeneidades culturais instituem modos de vivência provisórios e particulares, nos quais os estados de emoção são vistos com certa desconfiança, associados a desequilíbrios que rompem com os comportamentos normativos. Explica que a visão dos estados passionais, já discutida aqui nas palavras de Sodré (2006), começa a mudar no século XVIII, quando se passa a conceber a paixão como o que impele o homem   a o e sentimento que o eleva aos grandes feitos.

Portanto, nos processos afetivos, não se deve levar em considera o apenas o aspecto inteligível das emo es individuais, mas também o “estado de alma”, o sensível que permeia as enuncia es de pensamento. Na instância subjetiva, os diferentes modos de envolvimento entre as pessoas possuem razões de ordem emocional, ainda que sejam vinculados a questões pragmáticas do cotidiano, a exemplo da proximidade presumida por um ambiente de trabalho, onde   exigido um mínimo de convivência entre os grupos para que as fun es sejam exercidas num equilíbrio entre tensões e contradi es. Nessa proximidade, os afetos individuais são aleatórios e imperfeitos uma vez que a harmonia do coletivo se sobrepõe às razões e aos sentimentos dos sujeitos.

O valor-afeto (SODRÉ, 2006) parece ser, então, o elemento essencial para instigar intera es e construir os laços da memória. Pontua Mondzain (2007) que toda forma de

⁴ Greimas (2002) exemplifica os estados pat micos como a cólera, o amor, a indiferença, a tristeza, a frustra o, a alegria, a amargura das dores e perdas.

subjetividade das lembranças deve ser considerada a partir daquilo que a constitui, uma vez que a partilha do sensível requer a “partilha afetual da palavra”. E esta, como eixo da comunicação interpessoal, é a única experiência de diálogo que, em si mesma, é transformadora e agregadora de sentimentos na sociedade ao justificar sentimentos múltiplos que aproximam mentes e corações: “pois não há palavra sem parição, sem partida, sem separação; ela é a experiência fundadora dos movimentos infinitos que agitam os signos entre os corpos que falam” (MONDZAIN, 2007, p. 12- tradução nossa).

Diz a filósofa que, somente nas experiências do sensível, é que o sujeito se constitui na experiência da comunicação com a voz e a imagem do outro que lhes são dadas. Aos poucos, a alteridade vai se construindo entre os homens, reconhecendo-se no outro, aprendendo a ouvir e a ver para enxergar o mundo e a si mesmo como ser humano; exercendo a arte da escuta, identificando-se com as questões, os amores e os dramas de seus semelhantes, emocionando-se com eles, afetando-se por eles. É o encontro do olhar com a imagem do outro e as suas falas que nos permite a manifestação da alteridade, pois o outro somos nós.

No sentido habermasiano, a racionalidade comunicativa é o pilar da concepção de alteridade. Incomoda o autor a sensação de um universalismo social que a todos assimila e iguala, como se fosse possível eliminar as diferenças singulares dos indivíduos nos trânsitos culturais. Habermas (2002) crê que a cultura se ancora na heterogeneidade. Dessa forma, colocar-se no lugar do outro particulariza as relações e clarifica as diferenças. Ao agir de modo coletivo, por meio da comunicação, o sujeito consegue fomentar no espaço da convivência uma identidade intersubjetiva que propicia um reconhecimento recíproco entre os grupos: “o agir comunicativo é o canal que assegura os laços pessoais, as redes solidárias e a vida cultural na sua essência de identificação e compartilhamento” (HABERMAS, 2002, p. 57).

Para que a comunicação com o outro e com tudo que lhe diz respeito gere o sentimento de unidade interpessoal é necessário que os indivíduos atinjam um desenvolvimento moral que legitime seu nível de consciência de si e da coletividade, a fim de ser possível transformar as relações humanas em condutas éticas “concedendo um sentido comunitário que fundamenta a empatia nas escolhas individuais e que encaminha os sujeitos para a prática da solidariedade” (NASCIMENTO, 2006, p. 162).

Nesse raciocínio, a alteridade engloba a reflexão em torno da sociabilidade, que é uma qualidade intrínseca à racionalidade comunicativa. A alteridade para Habermas implica um ato ético de reconhecimento do outro, configurando o alicerce do agir comunicativo em sociedade.

Desse modo, para ser possível compreender os sentidos das diferenças de si e do outro, é preciso interrogar continuamente nossas próprias identidades reconhecendo nos outros os espelhos de nossa humanidade: “a construção da alteridade pressupõe conhecer a identidade do sujeito histórico de cada ser humano para adquirir consciência de sua história e instigar sua compreensão de si no mundo da vida” (NASCIMENTO, 2006, p. 163).

Gonzalez Rey (2005) também defende a importância da alteridade para a mobilização da consciência empática. Acredita que o sentido do outro se mistura ao valor emocional das pulsões subjetivas a que somos submetidos no cotidiano. São essas pulsões que definem nossos modos de ser e influenciam nossos modos de sentir e agir. Parâmetros externos e internos ao mundo social são sempre guiados pelos sentimentos e pela potência afetiva dos sujeitos, que esboçam suas capacidades de externar emoções por afinidades conectivas. Dessa forma, a alteridade deriva da expressão dos sentimentos e esses instrumentalizam uma ponte dialógico/dialética entre a subjetividade e a sensorialidade dos sujeitos *no/com* o mundo social influenciando as tramas das memórias afetivas.

4. OS VESTÍGIOS DA MEMÓRIA: VÍNCULOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Instigados pela importância dos afetos e da subjetividade, refletimos sobre a memória com o respaldo do sociólogo durkheimiano, Maurice Halbwachs (2013). Sua história de vida terminou em 1945, num campo de concentração nazista na Alemanha, sendo, portanto, interrompida pelo mesmo “mal invisível” analisado na obra de Hannah Arendt, já mencionada. Tal registro nos parece apropriado, porque Halbwachs inaugurou o campo de estudos sobre a memória no âmbito das ciências sociais, pois até então as áreas que se ocupavam dessa problemática eram a psicologia e a filosofia. Hoje, graças a tempos bem-vindos de interdisciplinaridade e diálogo de saberes, sua valiosa contribuição perpassa não só os domínios iniciais dos estudos da memória, mas os saberes da história social e da comunicação, sejamos historiadores, educadores, antropólogos e, sobretudo, humanos interessados nas histórias humanas.

Ao fundamentar o conceito de memória coletiva, o sociólogo chamou a atenção para o fenômeno cognitivo da recordação humana, destacando que a localização das lembranças não prescinde dos contextos sociais que se entrecruzam ao trabalho de reconstrução da memória.

Dessa atividade, sobressai um componente essencial que assegura a formação das sociabilidades, porque a dimensão individual das memórias é deslocada das condições particulares dos sujeitos, para considerar o fato de que nenhuma lembrança coexiste isolada de um grupo social, ou seja, as lembranças têm histórias.

Emerge a compreensão de que a memória coletiva é reconstituída pelos sentimentos, mas incorpora nuances de particularidades, de subjetividades sensíveis, para a emergência de novas sociabilidades. Os artifícios de narrar fatos passados que o presente silenciou tornam-se mais incisivos de acordo com as relações singulares que cada pessoa tece com eles: “Nas veredas escondidas de um memorial, encontramos lembranças que nos dizem respeito, como paisagens que consideramos nossas, mas que talvez as outras pessoas nunca tenham notado” (HALBWACHS, 2013, p. 66).

Noutra configuração teórica sobre memória, Le Goff (2013) salienta o papel da subjetividade como pressuposto da historicidade, categoria que, na sua visão, propicia a transformação da memória coletiva. Explica que quando os homens saíram da oralidade e passaram a inscrever suas aventuras, vitórias e conquistas em monumentos epigrafados, criaram o primeiro estágio de circulação das lembranças circunscrevendo suas trajetórias no espaço social. No momento em que a escrita passa a ser organizada em documentos, outro avanço estrutura a memória coletiva: a capacidade de registrar, marcar, reordenar, reexaminar e historicizar fatos e períodos para que esses possam ser objetos de rememoração.

Para o autor, a concepção de memória coletiva, em seus princípios históricos, está muito relacionada à linguagem escrita e aos ritos religiosos. Na Idade Média, período marcado pela difusão do cristianismo e do monopólio intelectual da Igreja, a memória coletiva também sofre mutações, visto que as religiões judaica e cristã se ancoram na memorização e na recordação das escrituras. Alguns traços evidenciam a transformação: o desenvolvimento da memória dos mortos, o papel da memória no ensino articulando o oral e o escrito, a divisão da memória coletiva entre memória litúrgica e memória laica.

A importância dos memoriais para a história das gerações começa a ser percebida justamente na Idade Média, mediante a veneração dos idosos, que eram considerados “homens-memórias” da cultura. Nessa época, a memória coletiva assume significado geracional, uma vez que cada geração passava sua memória para outra e, por meio dos escritos, desenvolvidos a partir da oralidade, era possível preservar as narrativas por até cem anos. A conservação

desses registros permitiu o surgimento dos arquivos e dos memoriais, tais como os conhecemos hoje. Contudo, como se apresenta um memorial virtual?

4. PORTAL INUMERÁVEIS: ESPAÇOS DE SENSIBILIDADES PARA A MEMÓRIA COLETIVA

A revisão de literatura apontou que afetos e recordações se tornam personalizados através das impressões de memórias que socializamos no mundo. Considerando-se essa visão, os discursos relativistas sobre as mortes da pandemia, disseminados nos dispositivos midiáticos, tornam-se, de certa maneira, desconstruídos, já que as fragmentações produzidas seguem critérios de noticiabilidade que priorizam o tempo das narrativas, desconsiderando as historicidades das vítimas da Covid-19, em prol das métricas das perdas. Mas, como nos lembra Habermas (2002), nossas memórias afetivas são provocadas pelos sofrimentos das perdas e pela transmutação das saudades dos que partiram.

Segundo o autor, até mesmo as narrativas de um presente difícil podem inscrever lembranças resistentes aos tempos futuros para além dos números. Em contextos de turbulências coletivas, provocadas por mortes vertiginosas, enquanto alguns se paralisam pela dor e outros a ignoram; alguns, a exemplo dos criadores do portal Inumeráveis, buscam caminhos de intervenção para o enfrentamento da dor pensando artifícios para o bem comum, canalizando uma compulsão positiva para a convivência, a empatia, o afetual.

Entre os amigos e familiares das vítimas do novo coronavírus, o acesso ao Inumeráveis transmite bem a sensação de que não estamos sozinhos em meio à tristeza e à dor. A plataforma possibilita uma base comum para que as memórias ali reunidas articulem entre si a memória dos outros, nos entremeios de situações tão semelhantes, apenas diferenciadas por critérios temporais, já que o luto passou a existir em dias ou meses diferentes, mas motivado pela mesma causa.

No memorial, as histórias narradas apontam um processo de vivificação e, conseqüentemente, ressignificação, de modo a evocar continuidade e permanência dos afetos, numa dinâmica de ordem subjetiva que redesenha os contornos das vidas perdidas, mas que continuam importantes nas memórias dos que ficaram. Memórias que traduzem subjetivações próprias da gramática de emoções do convívio humano (GREIMAS, 2002).

Do ponto de vista metodológico, estabelecemos critérios para a navegação no acervo do portal, buscando demarcar sua identidade, bem como os fatos e os personagens, cujas referências são aqui apresentadas em forma de capturas de telas. A opção por esse procedimento se aproxima da netnografia, estratégia metodológica que concede a possibilidade de encurtar as distâncias entre tempo e espaço, devido à própria dinâmica da internet, e onde as dinâmicas retratadas também podem coexistir fora dele, no espaço *off line*:

Kozinets afirma que a análise de dados contempla o processo de transformar os produtos coletados da participação e da observação netnográfica, como os arquivos de texto e gráficos baixados, capturas de tela, transcrições de entrevistas online e as notas de campo reflexivas, em uma versão acabada da pesquisa (SILVA, 2015, p.340-341).

Por meio da apropriação dos pressupostos da etnografia o caráter investigativo e de observação da realidade do outro continua presente no novo aporte. Na leitura das histórias das vítimas, mesmo sintetizadas em escritas curtas, desenvolvemos o processo empático nos reconhecendo nas pessoas próximas e até em nós mesmos em cada uma das pessoas que tiveram suas vidas perdidas. A história de Lenira Machado Pereira, 82 anos, constitui um exemplo:

Ela era toda feita de afeto. Ela tinha jeito de lar. Lenira teve três filhos, mas de tanto amor que cultivava no coração e no olhar, foi mãe de muitos outros. Generosa e atenta, abriu os braços para todos que precisaram dela nessa vida. Até suas mãos eram feitas de afeto. Talvez por isso, seus doces eram os melhores do mundo. Daqueles que fazem até a alma se faltar e sorrir. Cuidou do esposo com devoção quando descobriram o Parkison. Sorriu para ele um sorriso de paz até seu último dia. Foi uma avó tão apaixonada, tão amorosa, tão fundamental que será eterna na vida de cada um de seus netos. Lenira nunca esquecia nenhum deles e jamais será esquecida. Impossível mensurar a falta que ela faz.⁵

Um dos idealizadores do portal, Rogério Oliveira, em uma entrevista ao Portal dos Jornalistas⁶, conta que “o projeto serve para mostrar as vidas escondidas pelos números e estatísticas e que hoje temos tecnologia e um sistema distribuído que pode colaborar para termos a ambição de registrar 100% das histórias, de cada pessoa”. Rogério pontua ainda que “o memorial Inumeráveis nasce do incômodo em perceber que, nas tragédias humanitárias pela qual a humanidade passa, transformamos as vidas perdidas apenas em números e estatísticas.”

⁵ Disponível em: <<https://inumeraveis.com.br/lenira-machado-pereira/>> Acesso em: 05/06/2020

⁶ Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/memorial-inumeraveis-homenageia-as-vitimas-do-coronavirus-no-brasil/>> Acesso em: 05/06/2020

Conforme Halbwachs (2013), um memorial aciona a representação dos afetos sensíveis e particulares, porque, através dele, “nossas emoções têm ecos e vários laços se cruzam, provocando estados complexos de memórias, que revivem acontecimentos singulares cujo sentido se dá para nós e entre nós” (HALBWACHS, 2013, p. 65). Mas apesar das particularidades, as ideias que os outros fazem de nós também ficam gravadas na memória dos grupos que nos são próximo. São, portanto, uma criação coletiva.

Assim, nosso destino individual também é possível de ser recordado coletivamente, pois as narrativas sobre nós e os juízos de valor a nosso respeito carregam, potencialmente, traços de nossa alma que foram assimilados pelos outros. Nesse processo, a construção da memória coletiva envolve o desafio da alteridade, de se ouvir e olhar os semelhantes: “As lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que tratem de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

O método da netnografia ainda nos oferece uma leitura linear do portal, em que conseguimos navegar entendendo e sentindo cada história. Algumas características cromáticas da identidade virtual foram observadas, uma vez que expressam os propósitos da plataforma. O design de tom cinza, que é uma cor neutra, corresponde a solidez através de elementos sóbrios e discretos. A fonte dos nomes das vítimas aparece em tom preto, que na cultura ocidental representa a morte, a solidão e o luto. Todos esses detalhes propiciam a percepção do nome das vítimas. O detalhe da ilustração de uma planta ao lado do título INUMERÁVEIS denota a delicadeza e cuidado que os idealizadores do portal tiveram com a arte gráfica, que agrega elementos sensíveis, a exemplo do símbolo do infinito, localizado no canto inferior das páginas. A imagem com o numeral “oito deitado” é uma alusão à eternidade. Não se pode visualizar onde a figura começa e nem onde termina, por isso seu significado aponta uma ligação contínua, sem fim, para sugerir que cada vítima será lembrada eternamente entre aqueles que ficaram. O simbolismo alude ainda à divindade, evolução, amor e equilíbrio entre o plano físico e a dimensão espiritual.

Figura 1 – Nomes das vítimas em ordem alfabética e textos tributos



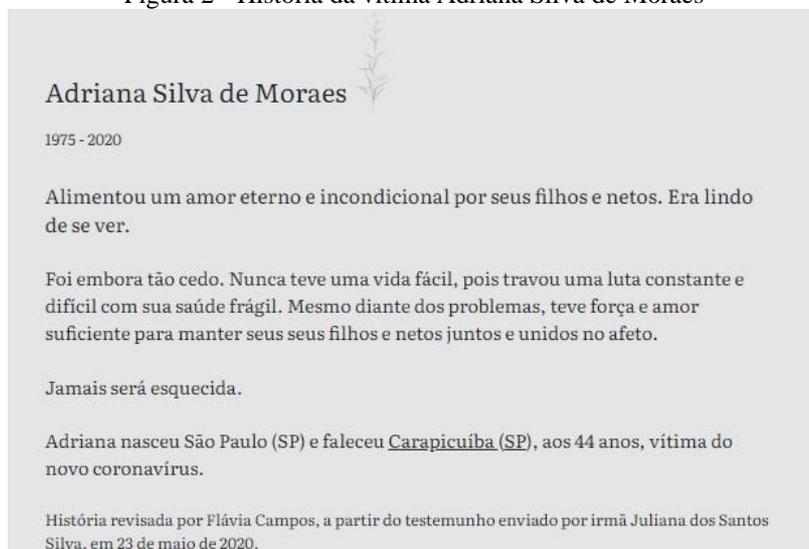
Fonte: Site do Memorial Inumeráveis

A estrutura simbólica percebida revela que o processo de lembrar acontece conosco de forma análoga a quem guardou um “tesouro em um cofre”, conduzindo-nos à analogia de Halbwachs (2013). O historiador compara a memória a um cofre de fechadura complicada, da qual se esqueceu o segredo, mas que se vai investir qualquer esforço para reabri-la. Do mesmo modo, um memorial reúne lembranças evocáveis, que pareciam ter sido perdidas, num conjunto de sequências acessíveis à emoção. Também é semelhante a um álbum de fotografias, quando as imagens do vivido são revividas em outro contexto, mas permanecem tocando nossa sensibilidade, lembrando, afetivamente, pessoas, lugares e relações. “Podemos nos apoiar na memória dos outros sempre que desejarmos recordá-las..., Mas somente a nós, pertencem, e só nós poderemos, a princípio, valorizá-las e reconhecê-las” (HALBWACHS, 2013, p. 67).

No Inumeráveis, os nomes aparecem em ordem alfabética e os textos tributos não possuem autoria definida. Assim, não é possível dizer se os familiares enviam as citações e o site as reproduz, ou se existe um trabalho de rearticulação das informações recebidas antes da inserção na plataforma. Entretanto, os registros têm em comum a subjetividade a fim de resgatar, nas citações, um sentimento de humanidade contra o esquecimento.

Os fragmentos abaixo ilustram tal impressão:

Figura 2 - História da vítima Adriana Silva de Moraes



Adriana Silva de Moraes 

1975 - 2020

Alimentou um amor eterno e incondicional por seus filhos e netos. Era lindo de se ver.

Foi embora tão cedo. Nunca teve uma vida fácil, pois travou uma luta constante e difícil com sua saúde frágil. Mesmo diante dos problemas, teve força e amor suficiente para manter seus seus filhos e netos juntos e unidos no afeto.

Jamais será esquecida.

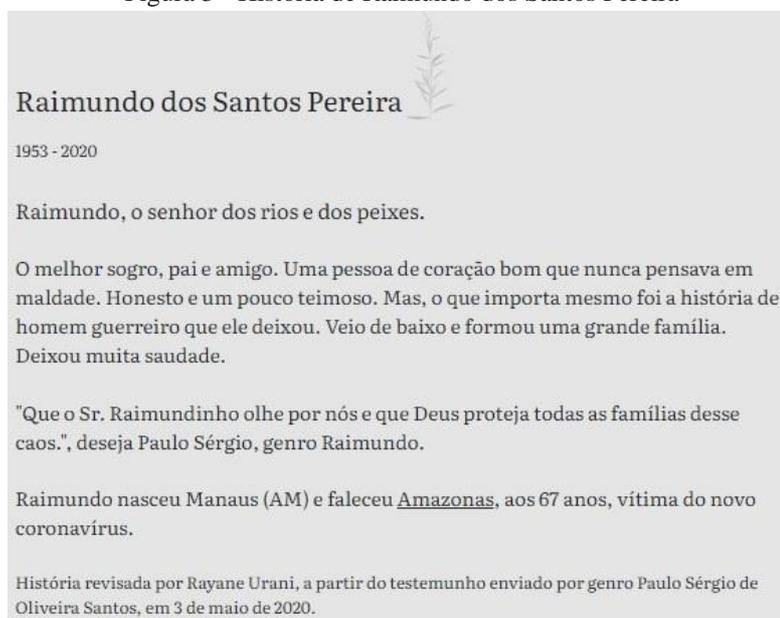
Adriana nasceu São Paulo (SP) e faleceu Carapicuíba (SP), aos 44 anos, vítima do novo coronavírus.

História revisada por Flávia Campos, a partir do testemunho enviado por irmã Juliana dos Santos Silva, em 23 de maio de 2020.

Fonte: Site do Memorial Inumeráveis

Cada história relatada possui de cinco até trinta linhas, em média. Encontramos o nome da vítima, o ano de nascimento e de falecimento, o local de nascimento, o colaborador do portal, o revisor das informações e a fonte dos testemunhos, que costuma ser alguém próximo da vítima ou de sua família.

Figura 3 - História de Raimundo dos Santos Pereira



Raimundo dos Santos Pereira 

1953 - 2020

Raimundo, o senhor dos rios e dos peixes.

O melhor sogro, pai e amigo. Uma pessoa de coração bom que nunca pensava em maldade. Honesto e um pouco teimoso. Mas, o que importa mesmo foi a história de homem guerreiro que ele deixou. Veio de baixo e formou uma grande família. Deixou muita saudade.

"Que o Sr. Raimundinho olhe por nós e que Deus proteja todas as famílias desse caos.", deseja Paulo Sérgio, genro Raimundo.

Raimundo nasceu Manaus (AM) e faleceu Amazonas, aos 67 anos, vítima do novo coronavírus.

História revisada por Rayane Urani, a partir do testemunho enviado por genro Paulo Sérgio de Oliveira Santos, em 3 de maio de 2020.

Fonte: Site do Memorial Inumeráveis

No espaço que contém o ícone (∞), qualquer pessoa pode adicionar uma história de vítimas do novo coronavírus clicando nele; também há opção de ser voluntário, para quem é jornalista, estudante ou gosta de escrever.

Figura 4 - Colaboração para o portal



Fonte: Site do Memorial Inumeráveis

Ao final do site, os idealizadores inseriram uma frase poética, ainda que sem rimas, capaz de representar o sentimento da construção do portal: “não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”. Numa oportuna reflexão sobre a memória e o tempo, Larrosa (2016) destaca, em prosa e poesia, que a sociedade contemporânea é marcada pela perda de experiências preciosas, como as de sentir as histórias, de imaginar as emoções, de sermos afetados pelo outro, de fazermos leituras da alma e praticarmos a arte da escuta dos sentimentos. Assim, as leituras da alma são poéticas porque nos abrem à alteridade; porque nos pedem “parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos para o outro” (LARROSA, 2016, p. 25).

O Portal Inumeráveis transmite a sensação de que não seremos como o personagem flâneur⁷, narrados dos escritos de Walter Benjamin, que não tem a quem transmitir suas experiências de vida e sofre com a ameaça do esquecimento. Pois, como considera o autor

⁷ Benjamin, Walter. Charles Baudelaire: A Lyric Poet in the Era of High Capitalism. London: NLB, 1973.

supracitado, as narrativas de nós e dos outros sempre serão os signos do sensível e encontrarão seus lugares de memórias, tecendo elos entre o hoje e o amanhã para manter vivas as nossas referências de humanidade e os afetos que as envolvem.

A existência em prosa/poesia diluída no portal nos sensibiliza ao pensarmos sobre todas as pessoas que partiram, que não tiveram suas faces e histórias expostas na TV e nem sequer um funeral de despedida para reunir pais, companheiros, filhos, amigos. A plataforma virtual nos ajuda a entender como se dá os processos empáticos através da tela de um computador, de um celular, de um tablet e nos aproxima das pessoas que perderam seus entes queridos dimensionando a dor das perdas de maneira coletiva.

Na dimensão coletiva, é importante ressaltar também o registro longo dos colaboradores cujos nomes creditados no site representam uma parcela da empatia que nos convoca à solidariedade, que nos ensina o sentido da alteridade:

Figura 5 – Colaboração

Inumeráveis é uma obra do artista Edson Pavoni em colaboração com Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani, Jonathan Querubina e os jornalistas e voluntários que continuamente adicionam histórias à este memorial.

Ticiane Werneck, Irion Martins, Flávia Campos, Priscilla Fernandes, Alessandra Capella Dias, Andressa Cunha, Vitória Freire, Phydia de Athayde, Julio Casimiro, Noêmia Maués, Bianca Ramos, Mariana Coelho, Denise Pereira, Danylo Martins, Eduardo Frumento, Beatriz Bevilacqua, Carolina Caires, Lucas Moreira, Daniela Buono, Josué Seixas, Sandra Maia, Laura Capanema, Mariana Carvalho, Lelê Pereira, Allanis Carolina, Samara Lopes, Giovana Madalosso, Ana Clara Costa, Gabriela Monteiro, Cintia Honorato de Santana, Malu Marinho, Gabriel Yudi Gati Isii, Edson Lira, Agnes Vitoriano, Amanda Queiros Gondim Bezerra, Silmara Magnabosco, Chico Bicudo, Eleonora Marques, Gabriel Masarro de Araujo, Stephanie Catarino, Camila Ferreira Fernandes, Andressa Vieira, Sabrina Alvares Legramandi, Leticia Fortes, Monelise Vilela, Naiara Araujo, Carolina Barros Lopes, Lucas Cardoso, Marcelle Santos, Maria Alice Freire, Dani Medeiros, Millena Oliveira, Karollina Caria Mendes Costa, Audryn Karolyne, Viviane França, Michelly Leis, Elisa Paixão, Sabrina Alvares Legramandi, Beatriz Dias, Bianca de Souza, Gabriel Masarro de Araujo, Marilza Ribeiro, Christiane Jost, Luíze Souza, Bruno Velloso, Mariana Couto, Luíze Souza, Pedro Freires, Marcia Horácio Barbosa, Rodrigo Marques, Amanda Myrtes, Marcelo Dettogni, Janaina Dias, Raissa Couto, Beatriz Barros, Gabriel Oliveira, Vanessa Munhoz, Kênia Fialho, Grace Montano, Julia Palhardi, Clara Quinteiro Hernandez, Rodrigo César, Lígia Scalise, Manuela Bravo, Bruna Coppedé, Rafael Simões, Thallys Rodrigo da Silva Menezes, Giovana Kebian, Louis Edoa, Lúcia Bettencourt, Eleonora Marques, Beatriz Gatti, Renata Federici, Milena Flor Tomé, Thiago Santos, Ricardo Pinheiro, Lígia Scalise, Laisi Rocha, Caio Ferreguti, Lígia Carvalho, Marina Mazzoni, Larissa Reis, Mateus Teixeira, Didi Ribeiro, Felipe Held, Gess Alencar, Luisa Pereira, Marcelle Trote, Danielle Zanoncini, Rafael Giraldo, Rafaela Manicka, Rafael Giraldo, Marcos Brener Concórdia, Beatriz Katy, Francisco Júnior, Flávia Gonçalves, Thawane Maria, Kênia Fialho, Julia Nogueira, Ana Macarini, Aline Lemos, Rafael Gallo, Renata Chebel, Ana Squilanti, Matheus Xavier, Bruna Ferreira da Silva, Nayana Rizzo, Ana Beatriz Fernandes, Cassio de Campos Neto, Thyago Soares, Tiago Geraldo, Julia da Silva Santos, Bruno Ferrari, Héliida Matta, Fernanda Rivelli, Mônica Serafim, Thais Oliveira, Cristina Magalhães, Mirna Ferraz, Jéssica Loredo, Carolina Lenoir, Mirella D'Elia, Lúcia Zanol, Pablo Marcelo Rodrigues, Isabella Pugliese, Gabriele Ramos Maciel, Carla Cruz, Amanda Francine, Josué Seixas, Valentina Naves, Gustavo Kosha, Raiane Cardoso, Carolina Margiotte Grohmann, Paola Mariz, Ygor Expedito Gonçalves, Pedro Lima, Lígia Franzin, Milena Flor Tome, Luiza Carvalho, Joselma Coelho, Nathalia Rogers, Julia Santos, Vitória Tedeschi, Bruna Benordi, Isabel Weinberg Lima, Isabella Pugliese Vellani, Tatiana Filinto, Diego Eymard, Iara Mazzeto, Mariana Quartucci, Rosana Forner, Sarah Fernandes, Acsa Tayane, Jéssica Avelar, Maria Luiza Marinho, Gabriel Carneiro, Maria Luiza Rodrigues, Mailson Dantas, Raul Galhardi, Bettina Turner, Milena Cairo Martins

Fonte: Site do Memorial Inumeráveis

CONCLUSÃO

Buscamos demonstrar que o memorial Inumeráveis torna possível a tessitura de vínculos de reconhecimento e identificação da dor não apenas entre as pessoas que experimentaram as perdas e são induzidas a vivenciar o luto, mas entre as que se permitem se importar com o outro e vivenciar a sensibilidade afetiva. A observação da plataforma corroborou o processo de reconstrução da memória coletiva descrito por Halbwachs (2013), ao se constituir num campo discursivo de interação para consumo simbólico, no qual ideias e pensamentos sobre as vítimas circulam no espaço social. Esse registro de representações pode ser atualizado em cada leitura, em cada visita ao memorial digital, mesmo com a passagem do tempo e suas fronteiras simbólicas.

Nesse aspecto, retornamos, mais uma vez, à sabedoria de Hannah Arendt (1999). Ela nos diz que, para o homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão. O tempo é partido ao meio, sempre no ponto em que “ele” está. E a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à sua tomada de posição contra o passado e o futuro. O portal sempre vai nos lembrar as marcas da pandemia numa tomada de posição sobre o presente e sobre as posturas que essa temporalidade requisita.

A ambiência virtual conta a história de hoje e, com isso, constrói memórias. Não nos referimos à beleza das narrativas ou a sua extensão, mas a decisão pela forma de narrar, que é materializada pela plataforma: narrar para impedir o esquecer. Por seu intermédio, o mundo de hoje será lembrado pelas perdas formando uma comunidade empático-afetiva de escritores e leitores que escolhe eternizar “pessoas” ao invés de “números”, reconhecendo que somos, na verdade, apenas os alimentos dos deuses (MUNDURUKU, 2009).

Na proposta do Inumeráveis, a memória individual se fortalece a partir das narrativas dos grupos nos quais as pessoas que partiram viveram cumplicidades e criaram laços de amorosidade. É entre esses grupos, que configuram seus elos com o mundo social, a exemplo da família, da escola, da igreja, do trabalho, que a memória individual rompe os silenciamentos e se converte em memória coletiva marcando o sofrimento perverso provocado por um vírus que devasta famílias.

Nessa conjuntura, as emoções e os sentimentos (GREIMAS, 2002) forjam uma gramática emocional que não diz respeito apenas à dimensão particular da experiência humana, mas às relações de subjetividades tecidas na vida, com suas imperfeições, cujas tramas nos enredam a existência na percepção da finitude. Os textos tributos do portal, enquanto epitáfios virtuais, não relativizam o luto, produzindo campos de sentidos e visibilidades na confluência de discursos afetivos, permitindo que a curva ascendente das perdas cotidianas abra espaço para uma racionalidade sensível, insinuando o valor dos ganhos, sem subtrair a relevância das existências e a poética das convivências. Dessa forma, as Anas, as Marias, os Josés, os Paulos, os Pedros continuam “Inumeráveis” e vivos nas nossas lembranças, cujos ecos se insurgem contra a banalização da morte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. O voo: nascimento da borboleta. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de.; KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e metamorfoses**. Natal: EDUFRN, 2003.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRN, 2012.

ANDRADE, Arnon A. M. Complexidade e comunicação. In: GALENO, Alex; CASTRO, Gustavo de; SILVA, Josimey Costa da (Orgs). **Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação**. São Paulo: Cortez, 2003.

BAUMAN. Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

GONZALEZ REY, Fernando Luís. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro**. São Paulo: Loyola, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 2013.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MONDZAIN, Marie-José. **Homo Spectator**. Paris: Bayard, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Limiares de alteridade entre Habermas e Morin. In: BRENNAND, Edna; MEDEIROS, Washington (Orgs). **Diálogos com Jürgen Habermas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2006.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, Suelen de Aguiar. **Desvelando a Netnografia: um guia prático e teórico**. Intercom – RBCC. São Paulo, v.38, n.2, p. 339-342, jul./dez. 2015.

TAVARES, José. **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.